

FRAGMENTOS DE UM CORAÇÃO:

Uma análise da complexidade do sentimento de dualidade
no conto “O triunfo”

FRAGMENTS OF A HEART:

an analysis of the complexity of the feeling of duality” in
the short story “The triumph”

ASHLLEY MARIANA SOUSA PAIXÃO ¹

FLÁVIA ROBERTA MENEZES DE SOUZA ²

ROBSON ADRIANO CAVALCANTE SERRA ³

Data em que o trabalho foi recebido: 23/01/2025

Data em que o trabalho foi aceito: 25/05/2026

¹Graduanda em Letras – Língua Portuguesa pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), E-mail: ashlley04.paixao@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6783-7204>.

²Doutora em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Instituição acadêmica: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). E-mail: flavia.menezes@ifpa.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9163-5516>.

³Graduando em Letras – Língua Portuguesa pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), E-mail: robsoncavalcante.serra@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3155-2440>.

FRAGMENTOS DE UM CORAÇÃO:

Uma análise da complexidade do sentimento de dualidade no conto “O triunfo”

RESUMO

O presente artigo, intitulado *"Fragmentos de um coração: uma análise da complexidade do sentimento de dualidade"* no conto *"O Triunfo"*, examina a produção literária de Clarice Lispector, destacando a complicação das emoções humanas, como a dependência emocional e a busca por autodescoberta. Através da personagem Luísa, a autora aborda a dualidade do amor, apresentando-o como uma fonte simultânea de alegria e de dor, assim como a solidão e o abandono vividos pela personagem após a partida de seu companheiro, Jorge, pois, como visto por Rosenbaum (2002, p. 17) “O drama conjugal já está em pauta e será o eixo nuclear de boa parte de sua obra futura.” emergindo como um tema central nos seus primeiros escritos e se tornando um dos principais focos de sua escrita, que explorara conflitos emocionais e as intrínsecidade das relações humanas, convidando o leitor a refletir sobre questões centrais da identidade e da transformação, ressaltando a relevância contínua da obra.

Palavras-chave: Dualidade. Amor. Solidão. Dependência emocional. Autodescoberta.

FRAGMENTS OF A HEART:

An analysis of the complexity of the feeling of duality” in the short story “the triumph”

ABSTRACT

The present article, entitled “*Fragments of a Heart: An Analysis of the Complexity of the Feeling of Duality*” in the short story “*The Triumph*”, examines the literary production of Clarice Lispector, highlighting the complexity of human emotions, such as emotional dependence and the search for self-discovery. Through the character Luísa, the author addresses the duality of love, presenting it simultaneously as a source of joy and pain, as well as portraying the loneliness and abandonment experienced by the character after the departure of her partner, Jorge. As stated by Rosenbaum (2002, p. 17), “The marital drama is already at stake and will become the central axis of much of her future work.” Emerging as a central theme in her early writings and becoming one of the main focuses of her literary production, Lispector explores emotional conflicts and the intricacies of human relationships, inviting the reader to reflect on central questions of identity and transformation, while emphasizing the enduring relevance of her work.

Keywords: Duality. Love. Loneliness. Emotional dependence. Self-discovery.

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira do século XX foi marcada por profundas transformações estéticas e temáticas que redefiniram a forma de representar a subjetividade humana e os conflitos inerentes à existência. Nesse contexto, Clarice Lispector consolidou-se como uma das vozes mais singulares e influentes da literatura em língua portuguesa, destacando-se por uma escrita que privilegia a introspecção, a densidade psicológica e a problematização da condição humana. Sua construção desloca o foco narrativo das ações externas para os movimentos da consciência, convertendo experiências aparentemente cotidianas em instâncias de questionamento sobre identidade, linguagem, solidão e sentido da vida. Conforme assinala Alfredo Bosi (1975), a autora radicaliza o momento interior da narrativa, conduzindo suas personagens a crises em que a própria interioridade é colocada em xeque.

Entre os diversos temas que atravessam o repertório ficcional, destacam-se os conflitos afetivos, a fragilidade das relações amorosas e os processos de autoconhecimento desencadeados por experiências de ruptura. Tais elementos já se fazem presentes em “*O Triunfo*”, conto publicado em 25 de maio de 1940 na revista *Pan* e reconhecido como a primeira obra publicada de Clarice Lispector. Embora escrito no início de sua trajetória literária, o texto revela notável maturidade estética e temática, antecipando questões que se tornariam recorrentes em sua ficção, como o drama conjugal, a dependência emocional, a condição solitária e a busca pela reconstrução da identidade. Segundo Yudith Rosenbaum (2002), o conflito amoroso constitui um dos eixos centrais da produção literária clariceana, funcionando como espaço privilegiado para a revelação das fissuras da subjetividade.

A história acompanha Luísa após a partida de seu companheiro, Jorge, e focaliza as repercussões emocionais dessa separação. O abandono amoroso desestabiliza profundamente a personagem, que vê ruir a estrutura afetiva sobre a qual havia construído sua identidade e seu equilíbrio interior. A ausência do outro faz emergir sentimentos contraditórios, como ternura e ressentimento, desamparo e resistência, dor e possibilidade de renovação. Dessa forma, a autora apresenta a afeição não como experiência idealizada e harmoniosa, mas como vivência essencialmente ambivalente, capaz de proporcionar pertencimento e, ao mesmo tempo, intensificar a vulnerabilidade emocional e a perda da autonomia.

A solidão desempenha papel fundamental nesse processo, pois deixa de ser representada apenas como consequência do abandono para assumir uma dimensão transformadora. Ao confrontar-se com

o vazio deixado pela ruptura, Luísa é levada a revisitar sua própria interioridade e a reconhecer aspectos de si que antes estavam obscurecidos pela centralidade atribuída ao companheiro. O sofrimento, converte-se em condição para o autoconhecimento, permitindo que a protagonista gradualmente reconstrua sua relação consigo mesma e com o mundo ao seu redor.

Diante dessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo analisar a complexidade da ambivalência emocional em “*O Triunfo*”, investigando de que modo os sentimentos de amor, reclusão e apego emocional exacerbado se articulam na constituição particular de Luísa e em seu processo de percepção de si. Desse modo, o problema de pesquisa que orienta este estudo consiste em compreender como, em sua primeira contribuição publicada de que se tem registro, a coexistência de emoções contraditórias é representada e de que forma essa tensão contribui para a transformação interior da protagonista. Parte-se da hipótese de que a dualidade afetiva constitui um princípio estruturador da narrativa e de que o sofrimento decorrente do abandono desempenha papel decisivo na reelaboração do eu da persona.

A relevância deste trabalho reside na possibilidade de demonstrar que a produção ficcional, apesar de ser um texto inaugural, já contém elementos estéticos e temáticos que anunciam a singularidade de Clarice Lispector. Na composição em análise, percebe-se a presença de características que posteriormente se consolidariam como marcas centrais da sua prosa, como a valorização da interioridade, a fragmentação da experiência íntima, a exploração do silêncio e das emoções contidas, além da representação de personagens imersos em conflitos existenciais e afetivos. Dessa forma, a narrativa não apenas antecipa aspectos fundamentais da criação literária da autora, mas também evidencia sua capacidade precoce de transformar acontecimentos cotidianos em experiências de profunda densidade humana e reflexiva. Além disso, o estudo contribui para ampliar as discussões sobre as representações do amor e da subjetividade na literatura brasileira, evidenciando como a ficção pode oferecer interpretações profundas sobre experiências universais relacionadas à fragilidade dos vínculos humanos, ao sentimento de abandono, desamparo e à busca de sentido diante da dor. A partir disso, a obra revela que o sofrimento emocional não é apresentado apenas como consequência de uma ruptura afetiva, mas como um processo capaz de provocar deslocamentos internos, crises de identidade e reformulações na maneira como o sujeito percebe a si mesmo e o mundo ao seu redor. Ao articular literatura e reflexões oriundas da psicologia, da sociologia e da filosofia existencial, a exploração evidencia a riqueza interdisciplinar do objeto de pesquisa, permitindo compreender como a narrativa dialoga com questões relacionadas à instabilidade das relações e à necessidade de recomposição subjetiva após experiências de perda. Portanto, o trabalho

destaca a atualidade do corpus em exame e sua relevância para os estudos literários contemporâneos, capaz de suscitar reflexões profundas acerca das tensões que atravessam a experiência humana em diferentes épocas.

Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativa, fundamentada na análise textual do conto e no diálogo com autores como Erich Fromm, Zygmunt Bauman, Viktor Frankl, Walter Riso, Carl Gustav Jung, além de Alfredo Bosi e Yudith Rosenbaum. Esses referenciais teóricos oferecem subsídios para compreender o amor como experiência simultaneamente estruturante e desestabilizadora, a solidão como espaço de elaboração particular e o sofrimento como possibilidade de transformação existencial. Dessa forma, busca-se evidenciar como, já em sua primeira publicação, Clarice Lispector revela extraordinária capacidade de traduzir as contradições mais perceptivas da existência em uma elaboração de elevada densidade estética e reflexiva.

1- VIDA & OBRA

Clarice Lispector nasceu em 10 de dezembro de 1920, em Tchetchelnik, na Ucrânia, e imigrou ainda criança com sua família para o Brasil em 1922, em decorrência das perseguições e instabilidades enfrentadas pelos judeus no contexto pós-guerra. Posteriormente, estabeleceu-se no Rio de Janeiro, cidade onde cresceu, estudou e consolidou sua formação intelectual e literária. A experiência do deslocamento, da adaptação cultural e da constante sensação de pertencimento incompleto contribuiu para a construção de uma percepção profundamente sensível acerca da condição humana. Inserida em um contexto social marcado por mudanças, conflitos internos e observação atenta do cotidiano, a contista desenvolveu uma linguagem intimista, voltada menos para a ação externa e mais para os movimentos psicológicos e emocionais de seus personagens. Sua produção ficcional caracteriza-se pela investigação da subjetividade, pela exploração das angústias existenciais e pela busca de compreender os conflitos silenciosos presentes na vida comum. Sua trajetória pessoal e suas experiências de vida influenciaram diretamente a formação de um olhar contemplativo e reflexivo, que se tornou uma das principais marcas de sua produção literária e da renovação estética promovida por sua expressão na literatura brasileira do século XX.

A carreira literária de Clarice Lispector teve início com o conto “*O triunfo*”, publicado em 25 de maio de 1940, na revista *Pan*, edição de número 227. Já nesse primeiro texto, a autora demonstra domínio de uma escrita profundamente introspectiva, marcada pela exploração de temas existenciais

e emocionais que posteriormente atravessariam toda a sua obra, como o amor, a solidão, a autodescoberta, a angústia e a dependência afetiva. Desde o início de sua trajetória, percebe-se o interesse da escritora em investigar os conflitos internos do ser humano, deslocando o foco narrativo das ações externas para os movimentos da consciência e para os estados subjetivos das personagens.

A narrativa gira em torno de Luísa, personagem que enfrenta a dor do abandono após a partida do marido, Jorge. A relação entre os dois é marcada pela ausência de reciprocidade afetiva, elemento que se torna essencial para o desenvolvimento da trama. O desamor vivido pela protagonista revela não apenas o sofrimento causado pela rejeição, mas também a fragilidade emocional que acompanha relações construídas sobre vulnerabilidade e expectativas frustradas. Nesse sentido, Clarice Lispector apresenta o amor como um sentimento ambíguo, capaz de unir entrega, sofrimento, desejo e vazio existencial em uma mesma experiência.

Por meio de uma prosa poética, sensível e profundamente introspectiva, a autora conduz o leitor a penetrar nas inquietações mais íntimas de Luísa, revelando os conflitos silenciosos que atravessam sua consciência. A construção narrativa evidencia uma constante tensão entre proximidade e distanciamento, afeto e rejeição, expectativa e sofrimento, elementos que intensificam a densidade emocional e ampliam a complexidade psicológica de Luísa. Ao explorar os movimentos interiores da personagem, a escritora desloca o foco da ação externa para a percepção subjetiva, transformando pequenos acontecimentos cotidianos em experiências de forte impacto existencial. Dessa maneira, o corpus em questão ultrapassa os limites de uma narrativa centrada apenas na ruptura conjugal e assume um caráter reflexivo, voltado à investigação da condição humana, das fragilidades emocionais e das ambiguidades presentes nos vínculos afetivos. A obra evidencia, ainda, como sentimentos contraditórios podem coexistir simultaneamente no interior do sujeito, revelando a instabilidade das relações e a dificuldade de compreender plenamente a si mesmo e ao outro.

O estilo literário de Lispector é frequentemente caracterizado como hermético, introspectivo e poético, devido à profundidade com que constrói seus personagens e suas narrativas. Conforme afirma Alfredo Bosi (1975, p. 475), “há na gênese dos seus contos e romances tal exacerbação do momento interior que, a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise.” Essa observação ressalta como a literata concentra sua criação nos processos internos da consciência, revelando personagens que constantemente enfrentam conflitos existenciais, crises identitárias e intensos movimentos de introspecção. Dessa maneira, a literatura clariceana se destaca por transformar os sentimentos e os pensamentos mais íntimos em matéria central da narrativa, permitindo ao leitor uma profunda imersão na complexidade da experiência humana. Além disso, a

autora rompe com estruturas narrativas tradicionais ao privilegiar fluxos de pensamento, percepções fragmentadas e instantes de revelação interior, fazendo com que a narrativa se desenvolva mais pela experiência subjetiva do que pela ação externa. Em suas criações literárias, o cotidiano deixa de ser apenas um cenário comum e passa a funcionar como espaço de questionamento da existência, no qual sua escrita ultrapassa a simples representação da realidade, conduzindo o leitor a uma experiência de reflexão sensível e existencial, marcada pela intensidade emocional e pela busca constante de autoconhecimento.

2- A DUALIDADE ENTRE O AMOR E A SOLIDÃO

O amor constitui um dos temas mais recorrentes e complexos da literatura, sendo frequentemente representado como uma força capaz de provocar profundas transformações emocionais e existenciais nos indivíduos. Em diferentes obras e contextos históricos, esse sentimento aparece tanto como fonte de realização e plenitude quanto como causa de sofrimento, frustração e sujeição afetiva. Para Erich Fromm (2001, n.p.), “difícilmente haverá qualquer atividade, qualquer empreendimento que comece com tão tremendas esperanças e expectativas e que, contudo, fracasse com tanta regularidade, quanto o amor.” A reflexão do autor frisa que o amor costuma ser idealizado como um caminho para a felicidade absoluta, carregado de expectativas de completude emocional e realização pessoal. Entretanto, a experiência amorosa revela-se muito mais complexa do que os modelos idealizados sugerem, pois envolve desafios relacionados à convivência, à aceitação das diferenças, à vulnerabilidade emocional e à necessidade constante de construção mútua. Nesse sentido, a literatura frequentemente explora as contradições presentes nas relações afetivas, mostrando que o afeto não se limita a sentimentos de felicidade e harmonia, mas também pode despertar inseguranças, medos, conflitos internos e crises de identidade.

A complexidade da dualidade entre amor e solidão é uma das mais evidentes na obra, pois destaca, de maneira sensível, como esses dois sentimentos frequentemente se entrelaçam de forma paradoxal. Desde o início da história, a paixão vigorosa de Luísa por seu parceiro se manifesta de maneira intensa e profunda, fazendo com que ela encontre nesse sentimento uma sensação de pertencimento, completude e construção de sua própria identidade. Entretanto, essa entrega absoluta também a torna emocionalmente vulnerável, uma vez que sua felicidade passa a depender da presença e da reciprocidade do outro. Dessa forma, a ternura, que inicialmente surge como fonte de afeto e realização, gradualmente revela seu lado doloroso, aproximando a personagem de um profundo

sentimento de desamparo. Mesmo amando intensamente, Luísa experimenta o vazio provocado pela ausência emocional do parceiro, demonstrando que a solidão não está apenas ligada ao isolamento físico, mas também à falta de conexão afetiva e compreensão dentro da própria relação.

Luísa, a essa palavra, se transformava. Ela, tão cheia de dignidade, tão irônica e segura de si, suplicara-lhe que ficasse, com tal palidez e loucura no rosto, que das outras vezes ele acedera. E a felicidade invadia-a tão intensa e clara, que a recompensava do que nunca imaginava fosse uma humilhação, mas que ele lho fazia enxergar com argumentos irônicos, que ela nem ouvia. (LISPECTOR, 2016, n.p.)

Embora Luísa seja apresentada como uma mulher digna, irônica e aparentemente segura de si, sua súplica para que o parceiro permaneça evidencia uma profunda fragilidade emocional que contrasta com a imagem de firmeza construída ao longo da narrativa. A palidez e a expressão de “loucura” descritas em seu rosto refletem a intensidade de seus sentimentos e o impacto psicológico causado pelo medo da perda e do abandono. Esses elementos revelam que sua felicidade e estabilidade emocional estão fortemente ligadas à presença do outro, mesmo que esse apego a conduza a situações de humilhação e sofrimento. A relação apresentada no conto coloca em destaque as contradições inerentes aos vínculos afetivos, em que sentimentos opostos coexistem de maneira simultânea. Segundo Zygmunt Bauman (2011, n.p.), “Amor e ódio, bem e mal, parecem ambos ser moradores legítimos da casa administrada pela responsabilidade moral.” A reflexão do autor contribui para compreender que o apego não se manifesta de forma puramente idealizada, mas como uma experiência humana complexa e ambivalente, marcada por tensões, inseguranças e conflitos emocionais capazes de provocar tanto realização quanto sofrimento.

A narrativa retrata a solidão e o sentimento de abandono de forma profunda, atestando a intensa angústia de Luísa ao perceber que a casa, antes marcada por sons, conversas e momentos compartilhados, agora se encontra tomada por um silêncio opressivo e melancólico. O ambiente vazio funciona como um reflexo de seu estado emocional, reforçando a sensação de ausência e desamparo que passa a dominar sua experiência. A mudança no espaço doméstico simboliza também a ruptura afetiva vivida pela personagem, mostrando que a condição solitária não se manifesta apenas na falta física do outro, mas principalmente no vazio emocional deixado pela perda da relação. A tentativa de Luísa de se apegar ao afeto e à permanência do parceiro revela o medo de enfrentar a incerteza provocada pelo abandono emocional e pelo futuro sem a presença dele. Sob a perspectiva de Bauman (2011, n.p.), “O que a solidão procura na unidade (de forma suicida, por suas próprias ânsias) é o impedimento do, e o antecipar-se ao futuro, cancelando o futuro antes que ele se faça presente, roubando-lhe o mistério, mas também a possibilidade de que ele se encontra prenhe.” Evidenciando

como a protagonista busca no vínculo afetivo uma tentativa de evitar o vazio e a insegurança diante do desconhecido, tornando ainda mais intensa sua subordinação emocional e seu sofrimento diante do abandono.

Luísa acha-se sentada na cama, com um estremecimento por todo o corpo. Olha com os olhos, com a cabeça, com todos os nervos, a outra cama do aposento. Está vazia. Levanta o travesseiro verticalmente, encosta-se a ele, a cabeça inclinada, os olhos cerrados. É verdade, então. Rememora a tarde anterior e a noite, a atormentada e longa noite que se seguira e se prolongara até a madrugada. Ele foi embora, ontem à tarde. Levou consigo as malas, as malas que há duas semanas apenas tinham vindo festivas com letreiros de Paris, Milão. Levou também o criado que viera com eles. O silêncio da casa estava explicado. Ela estava só, desde a sua partida. (LISPECTOR, 2016, n.p.)

Esse vazio não se manifesta apenas no plano físico, mas sobretudo na dimensão afetiva e psicológica, salientando a falta do amor que, para Luísa, representava um elemento essencial de equilíbrio emocional e construção de sua própria identidade. Ao permanecer sozinha em um ambiente anteriormente marcado pela convivência e pela presença constante do companheiro, a personagem passa a experimentar um profundo sentimento de isolamento, intensificado pelas recordações dos instantes felizes compartilhados, que agora retornam de maneira dolorosa e distante. O lar, antes associado ao acolhimento e à sensação de pertencimento, transforma-se em um espaço dominado pelo silêncio e pela falta, ampliando ainda mais sua dor interior. Desse modo, a narrativa demonstra como a perda da afeição ultrapassa a separação concreta e alcança camadas mais profundas da interioridade, levando Luísa a confrontar não apenas a partida do parceiro, mas também o vazio provocado pela ruptura de um vínculo afetivo que atribuía significado à sua existência. Nesse contexto, segundo Erich Fromm (2001, n.p.),

A experiência da separação desperta a ansiedade; é, de fato, a fonte de toda ansiedade. Ser separado significa ser cortado, sem qualquer capacidade de usar os poderes humanos. Eis porque ser separado é o mesmo que ser desamparado, incapaz de apreender o mundo, as coisas e as pessoas, de modo ativo; significa que o mundo nos pode invadir sem que tenhamos condições para reagir. (FROMM, 2001, n.p.)

Estar separado significa sentir-se vulnerável e desamparado, incapaz de utilizar os próprios recursos emocionais para agir, reagir ou estabelecer uma relação equilibrada com o mundo ao redor. Para Luísa, a ruptura afetiva provoca não apenas a privação física do companheiro, como também uma sensação profunda de desconexão emocional, que intensifica seu sentimento de fragilidade e impotência diante da realidade. A personagem passa a perceber o abandono como uma perda que atinge diretamente sua estabilidade interior, fazendo com que o vazio deixado pela separação ultrapasse o campo afetivo e alcance sua própria percepção de identidade e pertencimento. Por esse

viés, a necessidade de manter o vínculo amoroso revela um forte receio da rejeição e da solidade, demonstrando como sua segurança emocional depende da permanência do outro. De acordo com o entendimento de Walter Riso (2014, n.p.), “a busca pela estabilidade está associada a um profundo medo do abandono e a uma hipersensibilidade à rejeição.” Tal prisma permite compreender o intenso conflito interno experimentado por Luísa, pois a ternura aparece concomitantemente como fonte de sustentação emocional e de sofrimento, criando uma tensão constante entre a necessidade de preservar a relação e a dor causada pela lacuna do companheiro. Dessa forma, sua existência torna-se profundamente ligada à presença do cônjuge, comprovando uma ligação excessiva que a torna ainda mais vulnerável ao abandono e ao recolhimento interior.

3- DEPENDÊNCIA EMOCIONAL E A JORNADA DA AUTODESCOBERTA

A dependência emocional é um fenômeno complexo que atravessa muitas relações interpessoais, caracterizando-se pela necessidade intensa de aprovação, acolhimento e reconhecimento por parte do outro, frequentemente em prejuízo da própria individualidade e autonomia. No conto, esse comportamento manifesta-se de maneira profunda na forma como a personagem passa a construir sua estabilidade emocional a partir da presença constante do companheiro, fazendo com que sua identidade se torne gradualmente condicionada ao vínculo afetivo que mantém com ele. Dessa maneira, seus sentimentos, pensamentos e perspectivas de felicidade deixam de partir de si mesma e passam a depender quase exclusivamente da permanência do outro em sua vida. O enredo evidencia como esse tipo de ligação pode provocar um apagamento da própria subjetividade, levando a personagem a enfrentar sentimentos de vazio, insegurança e desamparo diante da possibilidade de abandono. Sob essa ótica, Fromm (2001, n.p.) afirma que “sua ausência produz um sentimento de abandono e de extremo desespero.” Reforçando a intensidade do sofrimento emocional experimentado pela protagonista, salientado como a perda do vínculo afetivo desperta uma sensação profunda de fragilidade e descontrole. Com isso, a trama demonstra que subordinação compulsiva não se limita ao apego afetivo, mas representa também uma dificuldade de reconhecer a própria capacidade de existir e encontrar equilíbrio sem a constante validação do parceiro.

Tinham brigado. Ela, calada, defronte dele. Ele, o intelectual fino e superior, vociferando, acusando-a, apontando-a com o dedo. E aquela sensação já experimentada das outras vezes em que brigavam: se ele for embora, eu morro, eu morro. Ouvia ainda suas palavras.
“– Você, você me prende, me aniquila! Guarde seu amor, dê-o a quem quiser, a quem não tiver o que fazer! Entende? Sim! Desde que a conheço nada mais produzo! Sinto-me acorrentado.

Acorrentado a seus cuidados, a suas carícias, ao seu zelo excessivo, a você mesma! Abomino-a!
Pense bem, abomino-a! Eu...” (LISPECTOR, 2016, n.p.)

A sensação de desejar a própria morte diante da partida do cônjuge demonstra a intensidade da vinculação excessiva enfrentada pela protagonista, expondo como sua vida passa a ser percebida como vazia e sem propósito após a ruptura daquele vínculo. Inserida em uma relação marcada pelo sofrimento, ela apresenta sua individualidade fragilizada, como se seus desejos e sua identidade fossem gradualmente anulados pela dinâmica estabelecida entre os dois. Nesse contexto, a violência psicológica manifesta-se de maneira sutil, por meio da indiferença, da ausência de reciprocidade e do distanciamento afetivo, fatores que ampliam ainda mais sua instabilidade interior. A obra constrói, assim, um retrato sombrio de relações em que o afeto deixa de representar acolhimento e passa a assumir um caráter opressor, transformando-se em fonte constante de sofrimento e submissão emocional. Riso (2014, n.p.) destaca que: “quando o outro escapa de seu controle ou se afasta afetivamente, as estratégias de recuperação não têm limites nem consideração; vale tudo.” Essa perspectiva permite compreender como a dor provocada pelo término conduz a um estado de extremo desespero, no qual o medo da perda ultrapassa sua própria dignidade e solidez psicológica. O ambiente vazio e melancólico, após a partida de Jorge, funciona como reflexo de seu estado interior, revelando um profundo sentimento de impotência diante da ruptura. Os conflitos internos ultrapassam sua capacidade racional de controle, atuando de maneira destrutiva sobre seu equilíbrio psicológico, uma vez que existem “fatores de perturbação que escapam ao controle da consciência, comportando-se como verdadeiros ‘perturbadores da paz’.” (JUNG, 2014, n.p.), intensificando ainda mais sua angústia e seu esgotamento interior.

A noite sem lua invade aos poucos o aposento. A aragem fresca de junho fazia-a estremecer. "Ele foi embora", pensou. "Ele foi embora." Nunca lhe parecera tão cheia de sentido essa expressão, embora a tivesse lido antes muitas vezes nos romances de amor. "Ele foi embora" não era tão simples. Arrastava consigo um vácuo imenso na cabeça e no peito. Se aí batessem, imaginava, soaria metálico. Como viveria agora? Perguntava-se subitamente, com uma calma exagerada, como se se tratasse de qualquer coisa neutra. Repetia, repetia sempre: e agora? Percorreu os olhos pelo quarto em trevas. (LISPECTOR, 2016, n.p.)

A dependência emocional da protagonista está claramente presente, pois ela já não consegue imaginar a própria vida sem o esposo, nem compreender como continuar vivendo sem a presença daquele que, de alguma maneira, atribuía significado à sua trajetória e ao seu equilíbrio emocional. A ruptura do vínculo afetivo provoca nela um profundo sentimento de desorientação, como se o afastamento do cônjuge tivesse desestruturado não apenas sua relação, mas também sua percepção

de identidade e pertencimento. Nessa conjuntura, a repetição constante da expressão “e agora?” revela muito mais do que um simples questionamento momentâneo; trata-se da manifestação de um estado de angústia e insegurança diante de uma realidade que ela não consegue aceitar plenamente. Essa repetição funciona como uma tentativa de ancorar sua mente em algo concreto, mesmo diante de uma situação emocionalmente insustentável, marcada pelo vazio, pela incerteza e pela incapacidade de visualizar perspectivas para além da separação. Como observa Viktor E. Frankl (1987, n.p.), “quem conhece as estreitas relações existentes entre o estado emocional de uma pessoa e as condições de imunidade do organismo, compreenderá os efeitos fatais que pode ter a súbita entrega ao desespero e ao desânimo.” Ou seja, o sofrimento psicológico experimentado ultrapassa o campo emocional e passa a afetar profundamente sua estabilidade interior, revelando a dificuldade de reconstruir a própria vida longe da relação que passou a ocupar o centro de seu equilíbrio afetivo.

Luísa, inicialmente se encontra imersa em um estado de desespero e reclusão, sentindo-se despojada de sua identidade e valor pessoal. À medida que o enredo avança, ela começa a experimentar um processo de autodescoberta, e esse período de isolamento, embora doloroso, transforma-se em um espaço de profunda introspecção, no qual passa a reavaliar sua vida, suas escolhas e suas prioridades, entendendo que: “a vida é sofrimento, e sobreviver é encontrar significado na dor, se há, de algum modo, um propósito na vida, deve haver também um significado para a dor...” (FRANKL, 1987, n.p.), reforçando a ideia de que até mesmo as experiências mais dolorosas podem assumir um papel de reconstrução e ressignificação da própria existência. Nesse movimento interno, a busca por autonomia torna-se mais evidente, pois ela começa a reconstruir gradualmente sua relação consigo mesma, ainda que de forma lenta e marcada por conflitos emocionais. Esse processo se manifesta também em atitudes cotidianas, quando passa a se dedicar novamente a pequenas atividades do dia a dia, o que simboliza não apenas um retorno à sua individualidade, mas também um esforço de reorganização interna e de recuperação de sua estabilidade.

A sala de jantar estava às escuras, úmida e abafada. Abre as janelas de uma vez. E a claridade penetra num ímpeto. O ar novo entra rápido, toca em tudo, acena a cortina clara. Parece que até o relógio bate mais vigorosamente. Luísa queda-se ligeiramente surpresa. Há tanto encanto nesse aposento alegre. Nessas coisas de súbito aclaradas e revivescidas. Inclina-se pela janela. Na sombra dessas árvores em alameda, terminando lá ao longe na estrada vermelha de barro... Na verdade nada disso notara. Sempre vivera ali com ele. Ele era tudo. Só ele existia. Ele tinha ido embora. E as coisas não estavam de todo destituídas de encanto. Tinham vida própria. (LISPECTOR, 2016, n.p.)

A passagem evidencia que a redescoberta de si não ocorre como um movimento repentino de superação emocional, mas como uma ruptura perceptiva com o modo como ela habitava o mundo até então. Ao abrir as janelas e deixar a claridade entrar “num ímpeto”, o espaço doméstico (antes descrito como escuro, úmido e abafado) se transforma, sugerindo que a mudança externa funciona como gatilho de uma reorganização interna. Esse deslocamento sensorial provoca na personagem um estranhamento; ela percebe que “na exuberância de sua autoconfiança, assume uma responsabilidade diante do inconsciente, que vai longe [...]” (JUNG, 2014, n.p.), e, pela primeira vez, os elementos ao seu redor passam a possuir vitalidade própria, independente da centralidade que antes atribuía ao marido. O trecho “sempre vivera ali com ele. Ele era tudo. Só ele existia” revela justamente a limitação de sua existência anterior, marcada por uma visão reduzida do mundo, na qual sua identidade estava dissolvida na figura do outro.

Por esse viés, a ausência de seu esposo não se configura apenas como perda afetiva, mas como condição de possibilidade para um novo olhar sobre a realidade. Ao reconhecer que “as coisas não estavam de todo destituídas de encanto”, Luísa inicia um processo de descentramento subjetivo: ela deixa de ver o mundo exclusivamente mediado pela presença dele e passa a percebê-lo como existente por si mesmo. Esse movimento é fundamental para sua revelação interior, pois indica o início de uma autonomia atenta e emocional, relacionada ao desenvolvimento da autodisciplina enquanto forma de amadurecimento psicológico, visto que a “autodisciplina é o oposto da imaturidade; fortalecê-la é amadurecer emocionalmente e aprender a lidar com os impulsos que o apego irracional desencadeia.” (RISO, 2014, n.p.).

A transformação da dor em consciência não elimina o sofrimento, mas o reorganiza como uma experiência reveladora, na qual o vazio do desligamento deixa de ser apenas uma lacuna afetiva e passa a funcionar como um espaço simbólico de reflexão, em que o sujeito é levado a confrontar a própria interioridade. Nesse processo, a falta não representa somente perda, mas também um deslocamento de sentidos que obriga a personagem a rever as bases sobre as quais construiu sua identidade, antes sustentada pela vinculação. Assim, o silêncio deixado torna-se produtivo, pois abre margem para novas percepções de si e do mundo, permitindo que a subjetividade se reorganize a partir de novas referências. Por conseguinte, a produção literária sugere que a superação não se limita ao esquecimento do passado, mas envolve uma reeducação do olhar, isto é, uma mudança profunda na forma de interpretar a realidade e de se posicionar diante dela. Esse movimento implica também uma gradual reintegração do sujeito a um mundo que recupera sua complexidade e pluralidade de

sentidos, deixando de ser reduzido à imagem do outro e passando a ser experienciado como um campo aberto de possibilidades de existência e revitalização identitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o conto *"O Triunfo"* enfatiza a profundidade das emoções exploradas na obra. A narrativa revela que sentimentos como solidão e submissão afetiva podem obscurecer a identidade e a autonomia, levando a uma intensa crise interna, no entanto, a jornada de autodescoberta da protagonista, mesmo em meio à dor do abandono, sugere que é possível encontrar força e renovação, conduzindo o leitor a reflexionar sobre a complexidade das conexões dos vínculos passionais, destacando que a superação é um caminho viável, mesmo após experiências dolorosas.

Ao longo deste estudo, verificou-se que a trajetória de Luísa é estruturada por uma dinâmica de ambivalência emocional, na qual sentimentos aparentemente antagônicos coexistem e se tensionam de maneira contínua. Amor e dor, presença e ausência, fragilidade e resistência, perda e reconstrução configuram pares conceituais que organizam a experiência da protagonista e evidenciam a natureza ambivalente das relações humanas. A personagem inicialmente se encontra profundamente vinculada ao companheiro, a ponto de associar sua própria identidade e estabilidade emocional à permanência desse vínculo. A ruptura, portanto, não representa apenas o fim de uma relação devocional, mas o colapso de uma estrutura subjetiva sustentada pelo condicionamento de apego e pela idealização do outro.

Observou-se, ainda, que o espaço narrativo desempenha função simbólica fundamental na construção desse percurso. A casa silenciosa, inicialmente associada ao abandono e ao vazio, gradualmente adquire novos significados à medida que Luísa passa a perceber o mundo para além da centralidade do companheiro. O gesto de abrir as janelas e permitir a entrada da luz constitui uma imagem de forte densidade metafórica, sugerindo o deslocamento de uma consciência aprisionada pela dependência para outra capaz de reconhecer a autonomia das coisas e de si mesma. Portanto, Clarice Lispector articula elementos aparentemente simples do cotidiano para representar processos profundos de reconfiguração interior, demonstrando a extraordinária sofisticação de sua escrita desde os primeiros textos.

A hipótese que orientou esta abordagem (de que a dualidade afetiva constitui o princípio estruturador do conto e de que o sofrimento atua como motor de autodescoberta) foi confirmada ao longo da análise. Na produção ficcional, o amor não é apresentado como experiência idealizada ou exclusivamente harmoniosa, mas como força contraditória, capaz tanto de promover pertencimento

quanto de provocar sujeição e perda de identidade. A solidão, por sua vez, deixa de ser concebida apenas como expressão de carência para tornar-se espaço de reflexão e possibilidade de reconstrução subjetiva. Assim, o que inicialmente se configura como experiência de fracasso afetivo converte-se em ocasião de amadurecimento e de redescoberta da própria individualidade.

Ademais, a presente pesquisa evidencia que a permanência e a atualidade do escrito literário decorrem da extraordinária sensibilidade, que ultrapassa o universo fictício e dialoga diretamente com as experiências humanas universais. A tensão entre amor e autonomia, presença e ausência, fragilidade e resistência constitui uma dimensão constitutiva da existência e continua a suscitar reflexões no campo dos estudos literários e das ciências humanas. Ao articular forma estética refinada e profunda investigação psicológica, a história demonstra que a literatura possui singular potencial para iluminar processos subjetivos complexos e para oferecer novas compreensões acerca das relações afetivas e da construção da identidade. Nesse sentido, espera-se que este trabalho contribua para o fortalecimento da fortuna crítica sobre o texto e para o reconhecimento de sua relevância no conjunto da obra clariceana, reafirmando que, já em sua elaboração inaugural, a literata revela a notável capacidade de transformar a dor em matéria de reflexão e a experiência da perda em possibilidade concreta de autoconhecimento e reinvenção existencial.

Conclui-se, portanto, que “*O Triunfo*” ocupa lugar de destaque não apenas por inaugurar a trajetória literária de Clarice Lispector, mas também por condensar, em forma embrionária, temas e procedimentos estéticos que posteriormente definiriam sua produção. A análise do conto reafirma a atualidade da obra e sua extraordinária capacidade de iluminar aspectos universais da experiência humana, especialmente aqueles relacionados à fragilidade dos vínculos, à instabilidade da identidade e à busca de sentido diante da dor. Ao transformar o sofrimento em possibilidade de consciência e reinvenção, a autora oferece ao leitor uma poderosa reflexão sobre a complexidade do amor e sobre a capacidade humana de reconstruir-se a partir da perda. Dessa maneira, a narrativa confirma que o verdadeiro “triunfo” sugerido pelo título não reside na preservação do vínculo devocional, mas na conquista gradual da autonomia e na redescoberta de si mesma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida em fragmentos**: sobre a ética pós-moderna. Tradução de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. Porto Alegre: Sulina; São Leopoldo: Sinodal, 1987.

FROMM, Erich. **A arte de amar**. Tradução de Milton Amado. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 166 p. Disponível em: <<https://anamartinspsicoterapiaacp.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/05/arte-de-amar.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2025.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2014.

LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. Prefácio e organização de Benjamin Moser. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2016. Disponível em: <<https://aulasdathaisunitau.com/wp-content/uploads/2023/08/todos-os-contos-clarice-lispector.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2025.

RISO, Walter. **Amar ou depender?:** como superar a dependência afetiva e fazer do amor uma experiência plena e saudável. Tradução de Marlova Aseff. Porto Alegre: L&PM, 2014.

ROSENBAUM, Yudith. **Clarice Lispector**. São Paulo: Publifolha, 2002. Disponível em: <https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/5676778/mod_resource/content/1/Clarice%20Lispector.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2025.